RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir a importância do jogo e da brincadeira como instrumentos fundamentais no processo de aprendizagem na Educação Infantil. Parte-se do pressuposto de que a ludicidade é uma linguagem própria da infância e, portanto, deve ocupar lugar central nas práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento integral das crianças. O jogo, além de promover o prazer e a criatividade, também favorece a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais e a construção da autonomia. Com base em autores como Vygotsky, Kishimoto, Brougère e Piaget, a pesquisa ressalta que o brincar não é uma atividade isolada da aprendizagem, mas sim uma forma legítima e potente de aprender. A partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, são analisadas as contribuições do jogo simbólico, das brincadeiras espontâneas e das atividades lúdicas organizadas como recursos pedagógicos. Conclui-se que a valorização do brincar exige uma ressignificação das práticas escolares, com foco na escuta das crianças, na intencionalidade educativa e no compromisso com a infância como tempo de experimentação, descoberta e construção de saberes. Nesse percurso o fazer docente é fundamental para tecer caminhos de possibilidades lúdicas e interativas, para tanto o planejamento permeado pela multiplicidade de experiências ludopedagógicas contribuem para o desenvolvimento integral tecendo caminhos de possibilidades de aprendizagens.

Palavras-chave: jogo; brincadeira; aprendizagem; ludicidade; Educação Infantil.

ABSTRACT: This article discusses the importance of play and games as fundamental tools in the learning process in Early Childhood Education. It is based on the premise that playfulness is a language specific to childhood and, therefore, should occupy a central place in pedagogical practices aimed at children's comprehensive development. Play, in addition to promoting pleasure and creativity, also fosters knowledge acquisition, the development of cognitive, social, and emotional skills, and the development of autonomy. Based on authors such as Vygotsky, Kishimoto, Brougère, and Piaget, the research emphasizes that play is not an activity isolated from learning, but rather a legitimate and powerful form of learning. Using a qualitative and bibliographical approach, the contributions of symbolic play, spontaneous play, and organized play activities as pedagogical resources are analyzed. The conclusion is that valuing play requires a redefinition of school practices, focusing on listening to children, educational intentionality, and a commitment to childhood as a time of experimentation, discovery, and knowledge construction. In this journey, teaching is essential for forging pathways of playful and interactive possibilities. Therefore, planning permeated by the multiplicity of ludopedagogical experiences contributes to comprehensive development by forging pathways of learning possibilities.
Keywords: play; games; learning; playfulness; Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

O jogo e a brincadeira sempre estiveram presentes na vida das crianças como expressões naturais de sua curiosidade, imaginação e desejo de se relacionar com o mundo. Contudo, ao longo da história da educação, esses elementos foram frequentemente marginalizados pelas práticas escolares tradicionais, que priorizavam métodos instrucionais voltados à transmissão de conteúdos e à disciplina. Hoje, reconhece-se que brincar não é apenas uma atividade recreativa, mas uma prática essencial ao desenvolvimento infantil e à aprendizagem.

Na Educação Infantil, o brincar ocupa papel central na construção do conhecimento. Por meio do jogo, a criança interpreta a realidade, elabora sentimentos, experimenta papéis sociais, descobre regras e desenvolve sua autonomia. Como afirma Vygotsky

(1989), é no brincar que a criança opera em um nível de desenvolvimento superior, mobilizando competências ainda não completamente adquiridas, mas em vias de serem consolidadas com o apoio do outro.

Entretanto, é preciso compreender que o brincar na escola exige intencionalidade pedagógica. Não se trata apenas de oferecer brinquedos ou permitir momentos livres, mas de planejar contextos significativos nos quais as crianças possam vivenciar experiências lúdicas que promovam o aprendizado. Nesse sentido, a ludicidade deve estar integrada ao currículo, respeitando os tempos e os interesses da infância.

Kishimoto (2011) destaca que o jogo educativo é aquele que respeita a essência do brincar, espontaneidade, prazer e imaginação, ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de aprendizagem. Essa integração entre liberdade e intencionalidade exige sensibilidade e escuta por parte dos educadores, que devem observar atentamente as crianças para intervir de forma ética e criativa.

Além disso, a brincadeira favorece não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o social e o emocional. Ao brincar em grupo, a criança aprende a negociar, a compartilhar, a lidar com frustrações e a respeitar regras. Desenvolve empatia, resiliência e senso de pertencimento, habilidades fundamentais para a vida em sociedade. Como afirma Piaget (1998), "é jogando que a criança assimila o mundo e acomoda suas estruturas mentais".

Este artigo está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro dedicado às dimensões cognitivas, sociais e emocionais do jogo na Educação Infantil. O segundo capítulo discutirá a articulação entre brincadeira e intencionalidade pedagógica, destacando experiências e estratégias do cotidiano escolar. O terceiro capítulo trará reflexões sobre o papel do educador na mediação do brincar e na criação de ambientes favoráveis à ludicidade. Ao final, serão apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas.

O JOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIMENSÕES COGNITIVAS, SOCIAIS E EMOCIONAIS

O jogo constitui uma atividade fundamental no universo infantil, configurando-se como uma das principais linguagens pelas quais a criança expressa suas experiências, sentimentos e conhecimentos. Além do caráter lúdico, o jogo desempenha papel estruturante no desenvolvimento cognitivo, social e emocional, configurando-se como instrumento poderoso para a aprendizagem.

Na perspectiva de Piaget (1998), o jogo é essencial para a assimilação e acomodação das estruturas cognitivas da criança, permitindo-lhe experimentar regras, simular situações e construir representações do mundo real. O autor destaca que:

"O jogo é a atividade espontânea da criança, que permite a ela exercer sua criatividade e consolidar suas estruturas mentais. É jogando que a criança assimila o mundo e acomoda suas estruturas mentais, incorporando a realidade de forma progressiva e significativa" (PIAGET, 1998, p. 72).

A dimensão social do jogo é igualmente relevante, pois nele as crianças aprendem a conviver, a negociar, a respeitar regras e a compartilhar. A brincadeira em grupo exige habilidades como a cooperação, a empatia e a resolução de conflitos, aspectos fundamentais para a formação da cidadania desde a infância.

Vygotsky dialoga sobre o jogo e aprendizagem em uma perspectiva integral:

"O jogo cria uma zona de desenvolvimento proximal, pois permite que a criança atue acima do seu nível habitual, ensaiando comportamentos sociais e cognitivos que serão internalizados posteriormente. No jogo, a criança aprende não apenas a dominar as regras, mas também a construir seu próprio papel dentro do grupo social" (VYGOTSKY, 1989, p. 110).

Além disso, o jogo possui uma dimensão emocional que não pode ser desconsiderada. É por meio da brincadeira que a criança elabora sentimentos, experimenta papéis sociais e vivencia situações que a ajudam a compreender o próprio eu e os outros. A ludicidade, portanto, é espaço de afeto e construção identitária.

Kishimoto (2011) ressalta que o jogo permite que as crianças expressem emoções difíceis de verbalizar, funcionando como uma linguagem privilegiada para a mediação emocional:

"O jogo é uma atividade que mobiliza a afetividade e que possibilita às crianças experimentar diferentes papéis e sentimentos em um espaço seguro, contribuindo para a regulação emocional e para o desenvolvimento da autoestima" (KISHIMOTO, 2011, p. 41).

No contexto da Educação Infantil, compreender essas dimensões do jogo é essencial para planejar práticas pedagógicas que valorizem a ludicidade como ferramenta de aprendizagem integral. O jogo não deve ser visto como mera pausa ou distração, mas como momento rico de desenvolvimento e expressão.

O desenvolvimento cognitivo, por meio do jogo, engloba o aprimoramento da linguagem, da percepção, da atenção e do raciocínio lógico. Jogos simbólicos, como o faz de conta, possibilitam que as crianças construam narrativas complexas e testem hipóteses, ampliando sua capacidade de abstração.

Por outro lado, as brincadeiras que envolvem regras, como jogos de tabuleiro ou esportes, ajudam as crianças a compreenderem a importância das normas e a desenvolverem o autocontrole, a concentração e a capacidade de planejar estratégias.

Além disso, o jogo tem um papel fundamental no desenvolvimento motor. Movimentar-se, manipular objetos e interagir com o espaço físico são atividades integradas ao brincar e contribuem para o aperfeiçoamento das habilidades psicomotoras essenciais à aprendizagem.

"O movimento é uma das primeiras formas de expressão e de conhecimento da criança. O jogo, ao incorporar o corpo em suas atividades, promove a integração das dimensões motora, emocional e cognitiva, favorecendo o desenvolvimento global" (WALLON, 2007, p. 95).

A socialização, que se dá no jogo, também é um espaço privilegiado para a construção da autonomia e da identidade. Ao interagir com pares, a criança aprende a respeitar diferenças, a negociar e a construir vínculos afetivos, elementos indispensáveis para o convívio em sociedade.

Outro aspecto importante é a capacidade do jogo de estimular a criatividade e a imaginação. Por meio do faz de conta e da inventividade, as crianças ampliam seus horizontes cognitivos e desenvolvem a capacidade de resolver problemas, antecipar situações e experimentar novos papéis.

"O jogo é uma atividade cultural que permite às crianças internalizar valores, normas e conhecimentos de forma lúdica e significativa, sendo fundamental para a construção da cultura infantil e para o desenvolvimento da imaginação" (BROUGÈRE, 1998, p. 52).

O papel do educador, diante dessas múltiplas dimensões do jogo, é o de mediador sensível e conhecedor do desenvolvimento infantil. Sua função é observar, propor e intervir quando necessário, promovendo ambientes que favoreçam o brincar livre e organizado.

A mediação docente deve respeitar o ritmo das crianças, incentivando-as a explorar, criar e experimentar. A escuta ativa e a observação atenta possibilitam que o professor compreenda os interesses e as necessidades do grupo, orientando as atividades de forma adequada.

A organização do ambiente escolar é também um fator determinante para o sucesso das práticas lúdicas. Espaços diversificados, seguros e acolhedores, com materiais variados e acessíveis, estimulam a criatividade e a interação social entre as crianças.

Além disso, é fundamental que as práticas lúdicas sejam valorizadas não apenas no momento do recreio, mas também integradas ao currículo, articulando conteúdos e promovendo aprendizagens significativas.

A valorização do jogo e da brincadeira como ferramental de aprendizagem contribui para a construção de uma educação infantil de qualidade, que respeita a infância e seus tempos próprios, garantindo o desenvolvimento integral das crianças.

A INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA NO JOGO E NA BRINCADEIRA

A intencionalidade pedagógica no uso do jogo e da brincadeira na Educação Infantil é fundamental para que esses momentos lúdicos se convertam em oportunidades reais de aprendizagem. Embora o brincar seja uma atividade espontânea e natural da infância, o papel do educador é mediar essas experiências de forma planejada, respeitando a autonomia das crianças, mas garantindo que os objetivos pedagógicos sejam contemplados.

"O jogo educativo não pode ser entendido como simples diversão; ele exige do educador uma atitude de respeito à espontaneidade da criança, associada a uma intencionalidade pedagógica que favoreça aprendizagens integradas" (KISHIMOTO, 2011, p. 56).

Essa perspectiva enfatiza que a ludicidade deve estar alinhada às diretrizes curriculares e às necessidades de desenvolvimento das crianças, integrando conteúdos e habilidades de maneira orgânica e significativa. O desafio está em planejar situações que promovam o equilíbrio entre liberdade e estruturação.
Ao preparar propostas lúdicas, o educador deve observar os interesses e as demandas do grupo, criar ambientes ricos em estímulos e oferecer materiais variados que possibilitem múltiplas formas de expressão. Além disso, deve estar atento para propor desafios adequados ao nível de desenvolvimento dos alunos.

"A mediação pedagógica no brincar é uma condição para que a criança amplie seu nível de desenvolvimento, pois o adulto, ao intervir adequadamente, pode elevar a brincadeira a um patamar superior, transformando-a em um espaço privilegiado de aprendizagem" (VYGOTSKY, 1989, p. 115).
Nesse sentido, o educador precisa assumir uma postura de observador ativo, que acompanha, intervém e propõe novos questionamentos sem desconsiderar o protagonismo infantil. Sua presença é imprescindível para garantir que o brincar ultrapasse o mero entretenimento.
A intencionalidade pedagógica também envolve a articulação do brincar com outras áreas do conhecimento. Por meio de jogos simbólicos, atividades musicais, contação de histórias e jogos de regras, é possível desenvolver habilidades linguísticas, matemáticas, motoras e socioemocionais, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e integrado.
Além disso, o planejamento deve contemplar a diversidade das crianças, respeitando seus ritmos, culturas, interesses e necessidades especiais. A ludicidade inclusiva é aquela que oferece oportunidades para que todas participem de forma ativa e significativa.

"à intencionalidade no planejamento das atividades lúdicas deve garantir a participação de todos, valorizando as diferenças e promovendo o desenvolvimento de competências variadas em contextos coletivos" (BARBOSA; HORN, 2008, p. 74).

A avaliação das práticas lúdicas também deve ser considerada um aspecto da intencionalidade pedagógica. Por meio da observação sistemática e da documentação, o educador pode identificar os avanços das crianças, as dificuldades e os interesses emergentes, ajustando as propostas para ampliar sua eficácia.
É importante destacar que a intencionalidade pedagógica não deve tolher a espontaneidade do brincar, mas atuar como um suporte que potencializa suas possibilidades formativas. O respeito à liberdade infantil permanece como princípio orientador das práticas.

"A verdadeira pedagogia do brincar é aquela que sabe equilibrar o planejamento e a flexibilidade, permitindo que a criança crie suas próprias experiências, mas sempre em um ambiente rico e estruturado" (KRAMER, 2007, p. 130).

Outro aspecto da intencionalidade é a integração entre escola, família e comunidade. O diálogo constante e o envolvimento das famílias no processo educativo reforçam o valor do brincar e ampliam as experiências das crianças.
A formação continuada dos educadores é

também essencial para que a intencionalidade pedagógica seja efetiva. O conhecimento teórico-prático sobre o desenvolvimento infantil, as linguagens do brincar e as estratégias de mediação fortalece a capacidade do professor em organizar contextos lúdicos significativos.

Nesse contexto, as políticas públicas educacionais desempenham papel relevante ao valorizar a Educação Infantil e estimular práticas pedagógicas que respeitem a ludicidade. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) estabelece que o brincar deve ser incorporado como direito de aprendizagem.

Finalmente, a intencionalidade pedagógica no jogo e na brincadeira implica compromisso ético com a infância, reconhecendo a criança como sujeito de direitos, capaz de aprender, criar e intervir no mundo.

A compreensão dessa dimensão reforça a importância de uma educação que respeite o tempo, a cultura e a singularidade de cada criança, promovendo uma aprendizagem que se constrói no afeto, no respeito e na liberdade.

O PAPEL DO EDUCADOR NA MEDIAÇÃO DO BRINCAR E NA CRIAÇÃO DE AMBIENTES FAVORÁVEIS À LUDICIDADE

O brincar oportuniza a troca de experiências por meio da atividade autônoma, da experiência com os brinquedos, objetos e materiais diversificados, bem como com os ambientes nos quais a experiência os contextos lúdicos pensados e organizados para e com todos alegra, motiva, inspira e favorece o protagonismo infantil, nesse percurso o educador cumpre um papel fundamental.

O papel do educador na Educação Infantil ultrapassa a simples supervisão das atividades lúdicas; ele é o mediador que propicia o encontro da criança com o brincar como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento integral. Sua atuação demanda sensibilidade, conhecimento teórico e prático sobre as múltiplas dimensões do jogo, assim como compromisso ético com a infância.

A mediação do brincar implica observar as ações das crianças com atenção e respeito, compreendendo suas necessidades, desejos e modos de expressão. Segundo Kishimoto (2011),

"O educador deve ser um parceiro da criança no brincar, oferecendo estímulos, questionamentos e desafios que ampliem o campo das descobertas, sem cercear a espontaneidade e a liberdade próprias da brincadeira" (KISHIMOTO, 2011, p. 65).

Essa postura favorece a construção de um ambiente afetivo, no qual as crianças se sintam acolhidas e encorajadas a experimentar e criar. O educador atua não como protagonista, mas como facilitador que valoriza o protagonismo infantil.

A organização do ambiente físico é outro aspecto fundamental para a promoção da ludicidade. Espaços diversificados, com materiais variados, acessíveis e seguros, estimulam a exploração, a imaginação e a interação social. Oliveira (2012) ressalta que:

"O espaço educativo é um terceiro educador, que deve estar organizado para provocar o brincar, a investigação e a expressão das crianças, possibilitando múltiplas linguagens e atividades" (OLIVEIRA, 2012, p. 47).

Além do espaço, o tempo dedicado ao brincar deve ser respeitado e valorizado. A rigidez excessiva nos horários e a interrupção constante das atividades comprometem a qualidade das experiências lúdicas e dificultam o aprofundamento das aprendizagens.

O educador também deve ser capaz de planejar e propor jogos e brincadeiras que contemplem diferentes interesses e faixas etárias, garantindo que todos se sintam incluídos e desafiados. Essa diversidade enriquece o convívio e amplia as oportunidades de aprendizagem.

A mediação inclui ainda a intervenção qualificada nas situações em que as crianças enfrentam conflitos, dúvidas ou dificuldades. O educador, por meio do diálogo e do apoio, ajuda-as a compreender as regras, a negociar soluções e a respeitar as diferenças.

A forma como organizamos o espaço interfere, de forma significativa, nas aprendizagens infantis. Isto é, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemen-

te se constituirá como parte integrante da ação pedagógica". (HORN, 2004, p. 20)

Quando os jogos as brincadeiras são pensadas de forma inclusiva, elas estimulam a criatividade, a socialização e o desenvolvimento integral de todas as crianças, ajudando-as a se sentirem valorizadas e parte de um grupo. Sendo assim, é fundamental que o professor desenvolva a escuta ativa, sensível às expressões verbais e não verbais das crianças. Essa prática possibilita identificar temas relevantes para aprofundamento, bem como detectar possíveis necessidades de apoio ou adaptação.

A documentação pedagógica emerge como ferramenta valiosa para o educador refletir sobre suas práticas e sobre o desenvolvimento das crianças. Por meio de registros, fotografias e relatos, o professor pode planejar estratégias mais adequadas e compartilhar conquistas com a equipe e famílias.

O percurso formativo nutre as ações que permeiam o cotidiano escolar, pois possibilitam ver, rever e transver as práticas pedagógicas promovidas, logo, aformação continuada é outro pilar para o fortalecimento da mediação pedagógica no brincar. Atualizar-se sobre as teorias do desenvolvimento infantil, linguagens da infância e metodologias lúdicas amplia a capacidade do educador de responder às demandas da prática.

Além disso, o diálogo com as famílias é essencial para construir uma rede de apoio à infância. Compartilhar a importância do brincar e a proposta pedagógica da escola fortalece o vínculo e amplia a compreensão sobre as necessidades das crianças.

As políticas públicas e os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e O Currículo da Cidade(SME/COPED,2019) reconhecem o papel central do educador na garantia do direito ao brincar e na construção de ambientes educacionais acolhedores e desafiadores.

Finalmente, é imprescindível que o educador reconheça a criança como sujeito de direitos, um sujeito ativo, criativo e protagonista do seu processo de aprendizagem. A mediação do brincar deve valorizar essa condição, bem como a integralidade dos sujeitos em suas formas de ser, expressar-se e desenvolver-se estimulando a autonomia, a criatividade e a participação democrática.

Assim, a prática pedagógica pautada na observação, na escuta, no diálogo, na intencionalidade e na criação de ambientes lúdicos contribui para uma Educação Infantil que respeita a infância e promove aprendizagens significativas, garantindo o desenvolvimento integral das crianças.

CONCLUSÃO

Compreender que o brincar é um direito de todos é compreender que a interação, a convivência e as brincadeiras fazem parte de um cenário de aprendizagem colaborativa, compartilhamento e construção de conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento integral e para um currículo que contemple a diversidade em seu sentido mais amplo.

O jogo a brincadeira são linguagens da infância: por meio deles, as crianças exploram, experimentam e constroem conhecimento de forma ativa, natural e prazerosa, ao participarem dessas vivências as crianças têm a possibilidade de atribuir sentido, construir e compartilhar olhares saberes e fazeres acerca das experiências lúdicas as quais vivências..

Experiências com jogos e brincadeiras contribuem para as aprendizagens favorecendo o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico, promovendo autonomia, criatividade e resiliência. Nesse percurso a afetividade e os vínculos se estreitam por meio das interações e das relações que as crianças estabelecem entre si, os outros, os ambientes e materiais diversificados.

Este artigo buscou evidenciar o papel central do jogo e da brincadeira como ferramentas essenciais para a aprendizagem na Educação Infantil. Por meio de uma revisão teórica, foi possível compreender que o brincar é uma linguagem própria da infância que integra dimensões cognitivas, sociais e emocionais, configurando-se como meio legítimo e potente de desenvolvimento.

Destacou-se que o jogo, além de favorecer a aquisição de conhecimentos, também promove habilidades como a criatividade, a autonomia, a empatia e a regulação emocional.

Essas competências são fundamentais para a formação integral das crianças e para sua inserção social.

Ressaltou-se, ainda, que a intencionalidade pedagógica é imprescindível para que o brincar se concretize como prática educativa. O educador deve planejar, mediar e refletir sobre as atividades lúdicas, garantindo que elas respeitem a espontaneidade infantil e ao mesmo tempo promovam aprendizagens significativas.

O papel do educador foi analisado como mediador sensível e conhecedor do desenvolvimento infantil, capaz de criar ambientes físicos e afetivos propícios ao brincar. Sua postura de escuta ativa e intervenção ética é fundamental para potencializar as experiências das crianças.

O fazer docente potencializa caminhos de aprendizagem, quando as ações promovidas contemplam a criação de ambientes ricos em estímulos: espaços flexíveis, materiais diversificados, tempo, bem como o olhar sensível, atento e que contemple as singularidades das crianças em suas formas de expressão e aprendizagem.

Por fim, reforça-se a importância da formação continuada dos professores e do diálogo constante com as famílias e a comunidade, elementos que fortalecem o compromisso com uma Educação Infantil de qualidade, centrada na ludicidade e no respeito aos direitos das crianças.

Assim, espera-se que este artigo contribua para a valorização do jogo e da brincadeira como instrumentos essenciais de aprendizagem, reafirmando a infância como um tempo rico de experimentação, criação e construção de saberes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria das Graças. Organização dos espaços na Educação Infantil: o desafio da qualidade. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BUENO, Marcelo Cunha. No chão da Escola: Por uma infância que voa. Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC).Educação é a Base. Brasília: MEC/ Consed/Undime, 2017.

BRASIL.Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: IMESP, SME/COPED. 2019.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1998.

KÁLLÓ,Éva; BALOG, Gyorgyi. As origens do brincar livre. São Paulo: Omnisciência, 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a
educação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2011.

KRAMER, Sonia. Brincar de gente grande. São Paulo: Summus, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2012.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PIORSKI,Gandhy. Brinquedos no chão: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

SCHULTZ, S.; MULLER, Cristiane; DOMINGUES, A. A ludicidade e as suas
contribuições na escola. Jornada e Educação. Centro Universitário
Franciscano.

TIRIBA, Lea. Educação infantil como direito e alegria. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.